



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas**

**A RETÓRICA DO COLONIZADOR NAS OBRAS “IRACEMA”,  
“MACUNAÍMA” E EM ALGUNS CONTOS DE MIA COUTO**

Acsa Oliveira Fernandes<sup>1</sup>  
Lídia Maria Nazaré Alves<sup>2</sup>  
Ivete Monteiro de Azevedo<sup>3</sup>

**Resumo:** o assunto deste artigo está desenvolvido em torno da temática “Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença”, projeto de pesquisa desenvolvido na UEMG - Carangola, sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves. Nas pesquisas realizadas entendeu-se por diferença àqueles que tiveram seus direitos à voz rechaçados, transformando-se, em consequência disso, num grupo marginalizado. Como o índio e o negro estão inseridos neste grupo, elegeu-se suas imagens nas obras de José de Alencar, Mário de Andrade e Mia Couto, respectivamente, a fim de verificar se se optou pela imposição ou adaptação da matriz colonizadora ibérica.

**Palavras-chave:** José de Alencar, Mário de Andrade, Mia Couto.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Português/Inglês; UEMG – Carangola; [acsaoliveira29@gmail.com](mailto:acsaoliveira29@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras; Universidade Federal Fluminense; [lidianazare@hotmail.com](mailto:lidianazare@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Letras; Universidade Federal Fluminense; [imizevedo62@gmail.com](mailto:imizevedo62@gmail.com)

## 1 - INTRODUÇÃO

O assunto a ser tratado neste artigo já vem sendo estudado com afinco e determinação por diversos especialistas, entre os quais pode-se citar Antônio Cândido (2009) e Afrânio Coutinho (1968; 1980). Ambos utilizados aqui para que proporcionem embasamento teórico às informações que serão elencadas. Esses dois críticos literários, apesar de terem se dedicado em determinado momento ao estudo do mesmo objeto - a Literatura Brasileira - divergem entre si no que diz respeito à composição de uma literatura genuinamente nacional.

Antônio Cândido (2009) afirma, em seu capítulo “Literatura de dois gumes”, que o que houve com a Literatura Brasileira foi a “modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo” (CÂNDIDO, 2009, p. 165). Para ele, a Literatura do Brasil é, sobretudo, europeia em sua formação e, somente a partir da Independência, é que ela se tornou verdadeiramente brasileira.

Por outro lado, para Afrânio Coutinho (1968; 1980), “a literatura brasileira emerge da literatura ocidental do barroquismo” (COUTINHO, 1980, p. 79-80). O professor defende a ideia de que há uma só literatura desde o início e que esta demonstra um sentimento nacional progressivamente até se diferenciar por completo do espírito português.

O escritor José de Alencar é considerado o patriarca da Literatura Brasileira por sempre defender os motivos e temas brasileiros. Em seu livro “Iracema”, o autor apresenta a terra conquistada, as tradições do povo e abarca todas as facetas da evolução nacionalista do Brasil.

Mário de Andrade foi um dos precursores da Semana de Arte Moderna e em suas obras, sempre valorizou o folclore e uma linguagem mais corriqueira. Em “Macunaíma: o herói sem nenhum caráter”, o escritor reúne as três etnias fundamentais para a formação da raça brasileira.

Mia Couto, por sua vez, é um autor que valoriza e retrata diversas situações de forma figurada, remetendo às lendas e ao folclore, estando sempre presente uma certa preocupação com o conflito entre a imposição das tradições coloniais e os valores nativos.

Neste artigo, pretende-se averiguar se nas obras “Iracema”, “Macunaíma” e se nos contos de Mia Couto, há a presença de uma imposição cultural ou de uma

adaptação cultural portuguesa ou, ainda, ambas, na configuração dos personagens e das ideologias culturais que os circunscrevem.

## **2 - IMPOSIÇÃO X ADAPTAÇÃO**

Entende-se por imposição cultural o que acontece quando um país impõe sua cultura, seus valores e crenças a outros países, deteriorando a identidade cultural dos povos nativos e por adaptação cultural quando um povo se adequa aos valores que lhe foram determinados.

Antônio Cândido (2009) afirma que a literatura do “período colonial foi algo imposto, inevitavelmente imposto”. Ele ressalta que essa imposição contribuiu para a formação de uma consciência nacional e que esse processo se deu até a Independência do Brasil. A datar de 1822, o que houve com a literatura teria sido uma adaptação das formas portuguesas, para que os escritores pudessem engrandecer as particularidades da terra em que viviam, como uma forma de afirmação nacional e de construção da pátria. Assim, se reforça a concepção de que “a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador e depois do colono europeizado” (CÂNDIDO, 2009, p. 165).

O escritor relata que todo esse processo de imposição foi bastante nítido, já que a maioria dos autores do primeiro século eram conhecedores dos princípios autenticados na Metrópole e tudo o que era ensinado aos nativos pelos jesuítas exprimia a religião, os valores morais e as normas políticas da Monarquia.

Com o passar do tempo, porém, pesquisas começaram a ser feitas com relação ao passado e ao se descobrirem coisas novas, as pessoas começaram a valorizar a figura dos nativos e a exaltar a importância de seus feitos, dando início ao processo de adaptação. Assim, “a literatura (...) ia passando para o controle dos novos grupos dominantes” (CÂNDIDO, 2009, p. 168).

Para que se chegasse a esse ponto, fez-se necessário a concepção de um passado lendário e era imprescindível também a criação de um herói que pudesse simbolizar e exprimir por si mesmo o que havia de mais característico e singular no Brasil. A figura do índio ocupou o lugar desse herói corajoso e valente, apesar do fato dessa figura idealizada do autóctone não coincidir em nada com a figura real, que sofreu a invasão do povo português.

Cândido (2009) afirma que

àquela altura, nas zonas colonizadas, este [o índio] já estava neutralizado, repellido, destruído ou dissolvido em parte pela

mestiçagem. Para formar uma imagem positiva a seu respeito contribuíram diversos fatores (...). Tudo isso ajudou a elaborar um conceito favorável, não sobre o índio de todo o dia, com o qual ainda se tivesse contato, mas sobre o índio das regiões pouco conhecidas e, principalmente, o do passado (CÂNDIDO, 2009, p. 173).

Após a Independência política difundiu-se entre os autores da época que a literatura era uma forma de se firmarem nacionalmente. Portanto, para o autor, o fato da Literatura Brasileira ter sofrido uma imposição por parte da Metrópole durante o período colonial e somente depois ter se adaptado às características do País não tem nada de negativo em si, “desde que focalizemos a colonização, não pelo que poderia ter sido, mas pelo que realmente foi como processo de criação do País” (CÂNDIDO, 2009, p. 176).

Em contrapartida, para Afrânio Coutinho (1968; 1980), “a literatura nasceu no Brasil sob o signo do barroco, pela mão barroca dos jesuítas” (COUTINHO, 1980, p. 113) e ele argumenta ainda que “numa época em que quase tudo à volta era pigmeu, as letras brasileiras, pela sua voz, já falam por si mesmas” (COUTINHO, 1980, p. 87).

A identidade nacional aparece a partir do momento em que nasce no homem do Barroco um instinto intelectual e nacionalista referente à emancipação do país. Tudo o que o homem europeu nascido no Brasil desenvolveu em seu psicológico encontrou guarida nas diversas manifestações de arte que fez. Com todo amor dado ao torrão natal e à natureza, a literatura se firmou como genuinamente brasileira. Para Afrânio (1968; 1980), um outro ponto que contribuiu para a nacionalização foi o abrasileiramento da linguagem, já que desde os primeiros tempos, o sotaque, o vocabulário e a sintaxe diferenciada se fez notar.

Com o passar dos anos e com o amadurecimento das formas e dos conteúdos, “se reafirmou a ideia de que a literatura da era colonial é tão brasileira quanto a da chamada fase nacional” (COUTINHO, 1968, p. 169-170).

Coutinho (1968; 1980) defende que do mesmo modo que o país já era Brasil e o homem que aqui vivia já era brasileiro, a literatura também já o era. De acordo com ele, uma literatura surge a partir do instante em que obras literárias aparecem e são usadas para divertir um público por menor e mais rarefeito que o seja.

Afrânio Coutinho (1968; 1980), ao afirmar que “é a partir do Romantismo que começa a existir no Brasil uma literatura própria, no conteúdo e na forma” (COUTINHO, 1980, p. 177), diz respeito à fase de amadurecimento da Literatura

Brasileira, visto que em tal período “acelerou-se o processo de nacionalização que já havia nascido em data remota” (COUTINHO, 1968, p. 174) e que

para o romântico, a natureza é lugar de refúgio, sonho, meditação. Identifica-se com ela, transfere-lhe o seu estado de alma, procura uma correspondência entre o seu sentimento e a paisagem. Ama-a pelo que ela pode fornecer-lhe de estímulo, consolo, refrigério (COUTINHO, 1968, p. 164).

Essa característica marcante trouxe diversos benefícios, pois o que era brasileiro começou a ser valorizado e representado nas obras que surgiam, ao mesmo tempo em que se percebeu a necessidade de se inventar um passado livre dos infortúnios pelos quais o país passara. Então, “casando a doutrina do “bom selvagem” de Rousseau com as tendências lusófonas, o nativismo brasileiro encontrou no índio e sua civilização um símbolo de independência espiritual, política, social e literária” (COUTINHO, 1980, p. 170).

Independentemente das concepções diferentes dos teóricos citados, ambos acreditam que ter o selvagem como símbolo do espírito e da civilização representava a ruptura com o que ainda havia da herança de Portugal. Para a Literatura Brasileira, a valorização dada ao nativo foi de extrema importância, pois possibilitou mostrar, ainda que não autenticamente, através das artes, um pouco da cultura, costumes e crenças que aqui haviam antes do processo de colonização.

## **2.1 - IRACEMA E MARTIM, A ANALOGIA: BRASIL - PORTUGAL**

A obra “Iracema” é um clássico da Literatura Brasileira escrito por José de Alencar. Nesse romance indianista, o autor criou uma explicação poética para as origens de sua terra natal e, por isso, o enredo é considerado uma lenda. Contado em terceira pessoa por um narrador onisciente, o livro demonstra grande subjetividade que se manifesta pelas metáforas e comparações que foram empregadas. Com um tom compassivo e terno, a recriação do passado contém tanto a magia das tradições orais como a veracidade das pesquisas históricas.

A protagonista, Iracema, é projetada da maneira mais expressiva possível, ela é o centro da brasilidade de cuja entrega e sacrifício mortal surge a nova raça. Todas as imagens que José de Alencar utiliza para se referir à “virgem dos lábios de mel” são retiradas da natureza e isso faz com que ela se torne uma personificação do Brasil.

O pecado da sacerdotisa de Tupã consiste em ceder a sua virgindade ao guerreiro português Martim, analogia do colonizador. A partir desse momento, ela transfere todo o poder que detinha para o estrangeiro e atrai para si toda a maldição de seu deus. O encontro de Iracema e Martim representa o encontro da natureza com a civilização, um considerado puro em relação ao outro. Eles se integram para formar uma nova nacionalidade.

Levando em consideração as concepções de Cândido (2009) e Coutinho (1968; 1980) e, ainda, a história em “Iracema”, há uma passagem em que se pode notar um leve traço de imposição cultural, que se trata do trecho abaixo:

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que borda o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignoras armas e tecidos ignotas cobrem-lhe o corpo. (...) De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada (ALENCAR, 1991, p. 20).

Pode-se notar a presença de imposição cultural devido ao fato do português querer fazer uso da espada para se defender de uma índia nativa. No texto, há referências de que esse mesmo guerreiro estaria em uma missão incumbido de catequisar nativos e de convertê-los à fé cristã e essa conversão a uma outra fé deterioraria as crenças e os valores indígenas. É possível enxergar essa imposição também no livro “Iracema” como um todo, já que esse é uma analogia do processo de colonização do Brasil com relação à Portugal.

Nessa obra, é possível observar também alguns trechos que sugerem uma adaptação cultural por parte da protagonista ao modo de vida português, tais quais os que estão abaixo:

- A filha dos tabajaras já deixou os campos de seus pais; agora pode falar.
- Que segredo guardas em teu seio, virgem formosa do sertão?
- Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro.
- Assim é preciso, filha de Araquém. Torna à cabana de teu velho pai, que te espera.
- Araquém já não tem filha.” (ALENCAR, 1991, p. 53)

- Iracema tudo sofre por seu guerreiro e senhor (ALENCAR, 1991, p. 59).

Há um sentimento de submissão em relação ao estrangeiro por parte da personagem Iracema. A primeira passagem acontece quando já houve a consumação sexual que não poderia haver. Iracema por ter desobedecido as regras de sua tribo, não pode mais voltar. A personagem, então, precisa seguir Martim, se adaptar e viver com ele, já que esse se tornou seu esposo. No segundo trecho a ideia de submissão

é mais nítida. A posição elevada em que a índia coloca seu amor demonstra obediência e respeito. Quase no fim da obra, ela vive feliz com o guerreiro branco, se enfeita com flores e espera apaixonadamente pela sua volta, está totalmente adaptada ao novo ambiente e ao novo modo de vida que leva.

## **2.2 - MACUNAÍMA E O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL**

“Macunaíma: o herói sem nenhum caráter” é um livro de Mário de Andrade. É considerado um romance modernista, no qual se misturam mitos e folclores. Nessa obra, Mário relata de forma cômica a vida de Macunaíma e suas peripécias ao lado de seus irmãos, ao mesmo tempo em que faz uma síntese das características nacionais da coletividade brasileira.

Macunaíma é um índio “preto retinto”. Sua tribo é Tapanhumas, uma tribo descendente de índios nativos com os negros que haviam sido escravizados. Por essa razão, tanto ele quanto os outros seguem rituais indígenas e africanos. No trecho “frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo” (ANDRADE, 1993, p. 9) pode-se notar que algumas danças são tipicamente indígenas enquanto a “cucuicogue” é de origem africana. Há ainda a presença do Rei Nagô, da capoeira e de um ritual de macumba, do qual Macunaíma participa. São, claramente, constituintes originários da África. Além de costumes afros, Mário de Andrade traz diversos aspectos do folclore brasileiro e dá ênfase a eles, tais como o Curupira e seu cachorro Papamel, a lara, Mãe d’água e a cantiga popular “Tutu Marambá”.

Ao perder o amuleto que Ci havia lhe dado, Macunaíma fica sabendo que Venceslau Pietro Pietra o comprou. O índio então, junto com seus irmãos Maanape e Jiguê, vai para São Paulo a fim de restituir o presente. No meio do caminho, ao se depararem com uma poça d’água resolvem tomar banho,

mas a água era encantada (...). Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água para todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo (...). Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada para fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas (...). E estava lindíssimo na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus (ANDRADE, 1993, p. 30).

Nessa parte da história, Mário apresenta o surgimento das três raças brasileiras. Macunaíma, o branco que não assume de todo os valores europeus, Maanape, o negro e Jiguê, o índio. O herói não conseguiria viver em São Paulo e recuperar a muiraquitã se não estivesse em constantes metamorfoses. Ao chegar à capital e se deparar com a civilização, o personagem fica “perdido” no meio de tantas máquinas e após tentativas frustradas de conseguir o amuleto resolve se aperfeiçoar “nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito” (ANDRADE, 1993, p. 69), além de praticar a pintura e passear com um romance de Eça de Queirós nas mãos.

Como já foi explicitado, Macunaíma era descendente de uma tribo mestiça e morava “no fundo do mato-virgem”. Ao entrar em contato com um mundo novo se deixa influenciar e adquire costumes que eram tipicamente europeus para chegar ao seu objetivo. Quando o protagonista finalmente consegue recuperar a muiraquitã, volta com seus irmãos para casa, porém está descaracterizado, não se encaixa mais naquele espaço, pois renegou suas tradições e foi atraído pela sociedade, a ponto de não mais ser reconhecido. Quando perde a pedra pela segunda vez ao ser atraído pela lara, Macunaíma decide ir para o céu viver com sua amada Ci e vira constelação, a Ursa Maior. Ele se transforma em um instrumento de transmissão do que poderia ser a identidade brasileira.

É nítido que há na obra um processo de adaptação cultural. Diferente de Iracema que se submete a uma cultura que não é a dela, Macunaíma apenas se adapta àquela que lhe seria mais conveniente para conseguir o que queria.

### **2.3 – “O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS” E “A PRINCESA RUSSA”: DOIS CONTOS DE MIA COUTO**

“Cada homem é uma raça” é um livro de Mia Couto que reúne vários contos. A linguagem que o autor usa dá uma característica única a cada personagem e a inserção de vocábulos africanos contribuem para a riqueza cultural dos textos. Dos 11 contos que compõem essa obra, dois foram selecionados para análise. São eles “O embondeiro que sonhava pássaros” e “A princesa russa”.

No primeiro conto, Mia Couto nos apresenta um personagem que todas as manhãs passeia em um bairro de brancos para vender seus belos pássaros coloridos. As crianças o adoram, porém os pais não gostam dessa aproximação e as impedem de ver o comerciante. Os portugueses, incomodados com a feliz presença do negro,

resolvem tomar uma providência, mas hesitam, pois também acham os pássaros bonitos e chegam a se interrogarem sobre o lugar do qual o negro trazia aqueles bichos. Tal fragmento pode ser lido abaixo:

Os colonos ainda que hesitaram: aquele negro trazia aves de belezas jamais vistas. Ninguém podia resistir às suas cores, seus chilreios. (...) Os portugueses se interrogavam: onde desencantava ele tão maravilhosas criaturas? Onde, se eles tinham já desbravado os mais extensos matos? O vendedor se segredava, respondendo um riso. Os senhores receavam as suas próprias suspeições - teria aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso? (COUTO, 2013, p. 38)

A ordem que os pais deram aos seus filhos não vale por muito tempo, pois os meninos continuam saindo de casa para ver os pássaros. O simpático vendedor diz às crianças que elas podem o considerar como um “tio”, porém isso não agrada a população branca:

Ou culpado seria aquele negro, sacana, que se arrogava a existir, ignorante dos seus deveres de raça? O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas (...) Até os meninos, por graça de sua sedução, se esqueciam do comportamento. Eles se tornavam mais filhos da rua que da casa. O passarinho se adentrara mesmo nos devaneios deles:

- Faz conta eu sou vosso tio.

As crianças emigravam de sua condição, desdobrando-se em outras felizes existências. E todos se familiavam, parentes aparentes.

- Tio? Já se viu chamar de tio a um preto? (COUTO, 2013, p. 38-39)

Diante de tal cenário, ao perceber que a situação estava saindo do controle, os colonos resolvem prender e espancar o vendedor para que esse reconheça o seu lugar:

Barulhosos, os colonos foram chegando. Cercaram o lugar. O miúdo fugiu, escondeu-se, ficou à espreita. Ele viu o passarinho levantar-se, saudando os visitantes. Logo procederam pancadas, chambocos, pontapés. O velho parecia nem sofrer, vegetável, não fora o sangue. Amarram-lhe os pulsos, empurraram-lhe no caminho escuro. (...) Levavam o passarinho para o calabouço. (COUTO, 2013, p. 40)

Nesse conto, temos, claramente, um exemplo de imposição cultural. Ao ver que seus filhos estavam sendo influenciados pelo vendedor de pássaros negro, os portugueses resolvem liquidá-lo, para que não mais atrapalhasse a vida que levavam.

O segundo conto que será analisado é “A princesa russa”. A história, no geral, é uma confissão que Fortin, um negro coxo, faz ao padre. Uma russa, chamada Nádia, e seu marido, Lúri, chegam à vila de Manica com a intenção de ficarem ricos explorando as minas de ouro e contratam Fortin para chefiar os demais criados. O

negro gosta do cargo que tem e se sente até mesmo privilegiado por mandar em seus próprios irmãos:

E empregados? Eram mais que tantos. E eu, assimilado como que era, fiquei chefe dos criados. Sabe como me chamavam? Encarregado-geral. Era a minha categoria, eu era um alguém. Não trabalhava: mandava trabalhar. Os pedidos dos patrões era eu que atendia, eles falavam comigo de boa maneira, sempre com respeito. Depois eu pegava aqueles pedidos e gritava ordens para esses mainatos. Gritava, sim. Só assim eles obedeciam. (...) Os criados me odiavam, senhor padre. Eu sentia aquela raiva deles quando lhes roubava os feriados. Não me importava, até que gostava de não ser gostado. Aquela raiva deles me engordava, eu me sentia quase-quase patrão. (COUTO, 2013, p. 45-46)

Um dia, a princesa Nádia pediu a Fortin que lhe mostrasse onde os criados dormiam e trabalhavam. Ao ver a situação precária em que os negros se encontravam, a russa ficou consternada. O chefe dos criados e Nádia acabam se aproximando bastante e ao acontecer um desastre na mina, a princesa joga um valioso relógio de vidro no chão, que, em consequência da queda, se parte em mil pedaços, e começa a andar sobre os cacos. O patrão não bate nela, pois, de acordo com o negro,

pancada ou morte eles não executam, encomendam os outros. Somos nós a mão das suas vontades sujas, nós que temos destino de servir. Eu sempre bati por mando de outros, espalhei porradarias. Só bati gente da minha cor. Agora, olho em volta, não tenho ninguém que eu posso chamar de irmão. Ninguém. (COUTO, 2013, p. 48)

Pode-se perceber nessa história um processo de adaptação cultural que Fortin sofre ao ver que a autoridade outorgada a ele o faz, muitas vezes, ficar contra seus próprios irmãos. Apesar de ter um leve arrependimento e de, no final, reconhecer o estado que sua cor lhe conferia, o orgulho do personagem é maior e ele prefere ser “chefe” a mero “criado”.

### **3 - CONCLUSÃO**

Em vista das informações elencadas e das análises feitas pode-se concluir que nas obras é possível encontrar as duas linhas de pensamento: imposição e adaptação cultural.

Antônio Cândido (2009) alega que a literatura portuguesa foi imposta e que só depois, com a Independência, é que os escritores brasileiros começaram a se voltar para as características do país e foram rompendo pouco a pouco com Portugal até amadurecerem e produzirem obras genuinamente brasileiras.

Afrânio Coutinho (1968; 1980), por sua vez, afirma que a Literatura Brasileira nasceu com o Barroco e que, apesar de ter sofrido influências da literatura ibérica, apenas se adaptou às formas literárias portuguesas.

Apesar do distanciamento entre os pensamentos dos teóricos, nos livros analisados é possível encontrar os dois conceitos. Os pontos de vista se divergem ao mesmo tempo em que convergem nas histórias de José de Alencar, Mário de Andrade e Mia Couto.

#### **4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALENCAR, José Martiniano de. **Iracema**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura de dois gumes. In\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 2009, p. 163-180.

COUTINHO, Afrânio. A tradição afortunada. In\_\_\_\_. **A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na Crítica Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968, p. 159-189.

\_\_\_\_. Do barroco ao rococó. In\_\_\_\_. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.